



# A Santa Sé

---

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II  
AOS BISPOS DA CONFERÊNCIA NACIONAL  
DOS BISPOS DO BRASIL-REGIONAL NORDESTE-5  
EM VISITA « AD LIMINA APOSTOLORUM »**

*Domingo, 22 de Outubro de 1995*

*Caros Irmãos no Episcopado*

1. Como Bispo de Roma apresento-vos hoje, por ocasião da vossa visita “*ad Limina*” deste ano, as minhas mais cordiais boas-vindas. Em vós, eminentes Pastores da Província Eclesiástica do Maranhão que pertence ao Regional Nordeste 5 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, saúdo todos os sacerdotes, os religiosos e os fiéis, que vós representais. O objetivo primário da Visita “*ad Limina Apostolorum*” é refletir uma vez mais sobre a missão e sobre as tarefas ligadas ao vosso serviço episcopal, através da visita ao sepulcro dos grandes Apóstolos Pedro e Paulo e do encontro pessoal com o Sucessor de Pedro.

Sinto-me feliz em vos acolher, pois este é um momento intenso na vida dos Bispos, no qual a Providência nos dá a ocasião de exprimir a nossa solidariedade e de compartilhar o ministério apostólico, que nos é comum, e que nos torna Sucessores dos Apóstolos. É este “*affectus collegialis*” que nos une, na oração, na celebração eucarística e na compreensão recíproca, para sentirmos juntos as alegrias e as dificuldades da missão, para reconhecer os apelos do Senhor, a fim de correspondermos cada vez mais às expectativas que Ele tem a nosso respeito. Por isto, desejo agradecer as delicadas palavras do Senhor Arcebispo D. Paulo Eduardo Andrade Ponte, e vos asseguro que de todos me lembro quotidianamente em minhas orações e solicitude pela Igreja.

2. As vossas dioceses envolvem um povo cuja característica marcante é a sua juventude, além do condicionamento evidente ligado aos desafios da pobreza, da saúde e da educação. Pude, pessoalmente, dar-me conta disto por ocasião da minha visita pastoral de 1991 à vossa terra, da

qual ainda conservo uma recordação viva, alegre e reconhecida.

O Brasil é chamado o “país do futuro”. Pois bem, eu vos diria que a forjadora desse futuro será a juventude, que tive a felicidade de visualizar de norte a sul do país - uma infinidade de rostos novos, alegres, otimistas, esperançosos, sequiosos da Verdade – e que serão, sem dúvida, “os primeiros protagonistas do terceiro milênio” (*Discurso aos universitários em Cuiabá 2*, 16 de outubro de 1991).

Sabeis muito bem, que a juventude “não é apenas um período da vida que corresponde a uma determinada faixa etária” (João Paulo II, *Cruzando o limiar da esperança*, 19), mas uma qualidade da alma que se caracteriza precisamente por um idealismo que se abre para o amanhã. No período que habitualmente se denomina juventude, o jovem – como aquele do Evangelho – “procura a resposta às suas interrogações fundamentais; não somente o sentido da vida, mas, também, um projeto concreto para começar a construir sua vida. É esta a característica mais essencial da juventude” (João Paulo II, *Cruzando o limiar da esperança*, 19).

Compete a vós dar-lhes essas respostas, colocando diante das suas vidas o mais belo Ideal que se encerra no inigualável amor a Cristo. “Se em cada período de sua vida o ser humano deseja afirmar-se, encontrar o amor, na juventude o deseja de forma ainda mais intensa. Mas para isso os jovens precisam de guias... que caminham junto com eles pelos caminhos que escolheram seguir”(João Paulo II, *Cruzando o limiar da esperança*, 19).

Vós, caríssimos Irmãos, tendes que ser esses guias, que caminhem diante deles como o Bom Pastor, dispostos a darem a própria vida pelas suas ovelhas, encarnando, primeiro, as virtudes que desejam que eles vivam, depois, sem perder nunca a “boa forma” da juventude - não importando a vossa idade – a vibração espiritual, o entusiasmo e a autenticidade nos vossos ideais apostólicos.

3. O pastor tem que ser também pedagogo, artista, escultor. Tem que saber plasmar, como colaborador da graça do Espírito Santo e através de um trabalho de formação permanente, a figura de Cristo no perfil da personalidade em formação. Assim, ele encontrará aquele grande amor: Cristo, de acordo com o lema de São Paulo: “Para mim o viver é Cristo” (*Fil 1, 21*). Não poupeis esforços em transmitir fielmente à juventude, como fruto do vosso amor a Cristo, a doutrina católica, a única que poderá satisfazer a sua sede de Verdade e de Amor. Ensinai-lhes a saborear com gosto os ensinamentos fundamentais da fé cristã. Vale aqui o que eu dizia à juventude em Denver em 1993: “Educar sem *um sistema de valores baseado na verdade*, equivale a abandonar os jovens à confusão moral, à insegurança pessoal e à manipulação fácil” (*Discurso de Boas-vindas no Aeroporto de Denver 4*, 12 de agosto de 1993). Não é exagero dizer que a relação do homem com Deus e a exigência de uma “experiência” religiosa são o ponto focal de uma profunda crise que atinge o espírito humano. Enquanto continua a secularização de inumeráveis aspectos da vida, há uma nova exigência de “espiritualidade”, como evidencia o

aparecimento de numerosos movimentos religiosos, os quais procuram responder à crise de valores na sociedade contemporânea. Se por secularização entende-se perder a perspectiva da vida eterna, viver como se ela não existisse, como se Deus não existisse, não se pode ignorar, em contrapartida, as profundas aspirações que hoje animam o coração dos homens. Apesar dos sinais negativos, muitas pessoas têm fome da espiritualidade autêntica e encorajadora. Existe “uma nova descoberta de Deus na sua transcendente realidade de Espírito infinito” (*Dominum et Vivificantem*, 2), e especialmente os jovens procuram um fundamento sólido sobre o qual construir a própria vida. Os jovens do Brasil esperam que os *guieis rumo a Cristo*, que é a única “resposta existencialmente adequada ao desejo de bem, de verdade e de vida que mora no coração de cada homem” (*Centesimus Annus*, 24).

Eles esperam que seus pastores sejam *mestres da verdadeira oração cristã*, que conduz à partilha no diálogo filial do próprio filho com o Pai, em conformidade com a maravilhosa expressão de São Paulo, descrita na Carta aos Gálatas: “Porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito que clama “Abba!” “Pai!”” (*Gál 4, 6*). O autêntico renovamento das vossas Dioceses *exige um apostolado de oração* arraigado na fé, fortalecido pela vida sacramental e litúrgica, e operante na caridade (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2558).

4. Paralelamente à alimentação da vitalidade espiritual dos jovens – homens e mulheres – está o desafio de lhes apresentar “a plenitude da verdade que Deus nos deu a conhecer de Si mesmo” (*Redemptoris Missio*, 5). É óbvio que as controvérsias ideológicas das décadas passadas não lhes despertam interesse algum. *Eles não se inspiram num Evangelho distorcido, falseado ou tornado aparentemente fácil*. Devem ser feitos todos os esforços para garantir que os programas de educação catequética e religiosa, as escolas e as instituições católicas de ensino superior e, de modo particular, o ministério da pregação da Igreja, apresentem *serena e convictamente – contudo sem embaraço nem compromissos – a integridade do tesouro do ensinamento da Igreja*.

É meu desejo também animá-los a perseverarem na formação de professores para o ensino da religião nas escolas públicas, em cumprimento da norma constitucional brasileira mediante a qual “o ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental” (*Constituição da República do Brasil*, art. 210, 2). De resto, “a formação da consciência fica comprometida, se faltar uma profunda educação religiosa. Como pode um jovem compreender plenamente as exigências da dignidade humana, sem fazer referência à própria fonte dessa dignidade, Deus criador? Nesta perspectiva, o papel da família, da Igreja Católica, das Comunidades cristãs e das outras instituições religiosas é primordial, e o Estado, atendo-se às normas e Declarações internacionais, deve assegurar e facilitar os seus direitos neste campo” (*Mensagem para o Dia Mundial da Paz 1991*, 8 de dezembro de 1990). Já vige mútuo e harmônico entendimento entre as diversas confissões religiosas e, apesar de certas divergências havidas recentemente com organismos institucionais de algum Estado da Federação, estou certo de que se chegará sempre a um consenso inspirado na colaboração leal, que permitirá orientar todo o homem, e toda a mulher, segundo o plano de Deus.

Neste sentido, o novo “Catecismo da Igreja Católica”, além de servir, como é natural, “como texto de referência, seguro e autêntico, para o ensino da doutrina católica” (Introdução, n. 4) nas mãos dos próprios formadores, representa para vós um instrumento de alto valor para a formação integral da personalidade do jovem: a primeira catequese que deveria ser aprendida na “Igreja doméstica”, o ensino necessário para a Primeira Eucaristia e o Sacramento da Crisma, a preparação remota e próxima para o casamento, a orientação do amor e da sexualidade humana e tantos outros capítulos indispensáveis a esse esforço pastoral, são ampla e profundamente tratados no novo Catecismo.

A falta de formação cristã, talvez seja o pior dos males que afetam a nossa juventude. É necessário um empenho efetivo para desenvolver com profundidade um trabalho formativo nessa idade em que o homem projeta os seus ideais para o futuro.

5. Estes pressupostos dão-nos ensejo para reafirmar uma vez mais a atenção que deveis dar às *prioridades pastorais da Família e da Juventude*. Por isso, sugiro-vos que essas duas temáticas, intimamente vinculadas, sejam constante objeto das vossas iniciativas apostólicas.

O futuro da Igreja no Brasil e o bem da mesma comunidade nacional dependem, em grande medida, da consolidação da instituição familiar – fundada no matrimônio indissolúvel – e da educação de uma juventude arraigada nos valores ideais, que a tradição católica trouxe à vossa Pátria.

Embora seja verdade que no vosso Povo perdura felizmente um sólido sentido de família, a saber, a consciência e a estima do seu valor, contudo não ignorais que, na situação atual, podemos notar também algumas “sombras”, que descrevi na Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*”, e que são sinais negativos da cultura contemporânea: “o número crescente de divórcios, a praga do aborto, o recurso cada vez mais frequente à esterilização, a instauração de uma verdadeira e própria mentalidade contraceptiva” (*Familiaris Consortio*, 6). Mais ainda, as frequentes separações e a mentalidade divorcista, que aumentam pelos maus exemplos e pelo influxo nocivo de certos meios de comunicação social, vão debilitando nos jovens a convicção de que o matrimônio é, por sua própria natureza e por vontade de Cristo, uma aliança em fidelidade e para sempre. Desse modo põe-se em perigo o futuro da instituição familiar e a subsistência mesma de uma sociedade sã, harmônica e autenticamente humana.

É bem sabido que a ruptura da vida familiar produz efeitos deletérios sobre os filhos, que são as primeiras vítimas. A miséria aliada ao fenômeno, infelizmente bastante frequente, do abandono afetivo e espiritual dos jovens, que se sentem de fato “sem família”, é a causa de males muito graves, que comprometem o desenvolvimento integral da juventude de um país: falta de valores e de normas de vida, desorientação, desapego ao trabalho, vulnerabilidade ante o ambiente de hedonismo e de corrupção moral, alcoolismo, droga e delinquência.

Já tive ocasião de dizer na primeira Visita “ad Limina” aos Bispos do Paraná, que a salvaguarda da família deve ser um objetivo pastoral permanente para vós. Neste sentido, quero exortar-vos a continuar com todo o empenho nesta tarefa plasmando-a em realizações concretas. Trata-se de prosseguir, senão de dar vida a uma pastoral familiar orgânica e permanente, destinando para isso os meios que sejam necessários e preparando para tal objetivo agentes pastorais idôneos, entre os vossos sacerdotes, religiosos e membros do laicato que, com uma formação específica nas matérias respeitantes a este âmbito, vos ajudem a enfrentar com criatividade e eficácia este desafio.

6. Não menos importante é a Pastoral da Juventude, que estará sempre atenta – sob a vossa solícita e diuturna vigilância – às exigências formativas dos mais novos.

A este respeito, quereria fazer notar que não basta uma resposta maciça e entusiasta dos jovens. É necessário também oferecer-lhes uma formação sólida e exigente, apta a assumirem seu papel como “sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social”

(*Christifideles Laici*, 46).

Neste sentido, é necessário ir ao fundo dos problemas, passar do humano para o divino, dos impulsos sentimentais para as profundas convicções religiosas. E isto exige tempo e esforço continuado. A Pastoral da Juventude deve também formar o jovem na sua consciência política, de acordo com as diretrizes marcadas no “Catecismo da Igreja Católica” onde claramente se afirma que “a Igreja não se confunde de modo algum com a comunidade política”(n. 2245). Dita formação está motivada por um aspecto altamente positivo da personalidade do jovem, que pode sofrer, no entanto, desvios perigosos: o seu espírito de rebeldia e a sua sede de justiça. Quando ela se desenvolve em função de valores humanos e cristãos, em face de um ideal autêntico, o seu inconformismo é como um revulsivo purificador, que impulsiona o progresso e a solidariedade.

Mas, como eu já alertava os jovens em Belo Horizonte em 1980, existe o perigo de instrumentalizar essa nobre rebeldia para finalidades políticas partidaristas.

A Pastoral da Juventude nunca poderá ter uma determinada cor ou emblema político. A Igreja cometeria uma traição ao homem se, com as melhores intenções, lhe oferecesse bem-estar social, mas lhe sonegasse ou lhe desse escassamente aquilo a que tem direito, a que mais aspira (por vezes até sem o perceber), aquilo a que tem direito, que espera da Igreja e que só ela lhe pode dar: transmitir como depositária autêntica a palavra revelada; anunciar o Absoluto de Deus; proclamar as bem-aventuranças e os valores evangélicos e convidar à conversão; comunicar aos homens o mistério da graça de Deus nos sacramentos da fé e consolidar esta fé – em uma palavra, evangelizar e, evangelizando, construir o reino de Deus.

Por isso, a Pastoral da Juventude não deve perder a sua identidade apostólica. Se se desviasse aquele espírito de rebeldia – essa profunda sede de justiça que caracteriza a juventude – para

finalidades políticas que, por serem precisamente partidaristas, dividem, comprimem, partem aquilo que é essencialmente dilatado, universal, católico, se desvirtuaria o que é de mais essencial na mensagem de Cristo e o que há de mais belo e mais autêntico no ideal da juventude!

Em tal contexto, não posso deixar de mencionar um importante setor da Pastoral da Juventude, que é chamado a ter fundamental importância neste limiar do terceiro milênio. Refiro-me à Pastoral Universitária, que, em vosso país, assume uma grande importância pelo elevado número de jovens que cursam o ciclo de estudos superiores e a influência que eles terão, no futuro, sobre os destinos da sociedade. À medida mesma em que descobrirem o amplo horizonte das ciências e as profundas interrogações que elas apresentam ao ser humano, os jovens universitários devem poder encontrar na Igreja um ambiente propício de acolhida, um âmbito de reflexão que os ajude, à luz da Revelação divina, a iluminar a razão e as ciências que dela decorrem, para perceber com clareza o destino último e o significado pleno do ser humano. Lugar especial de diálogo franco e sincero entre ciência e fé, entre experimentação e observação científicas, por um lado, e sabedoria religiosa, por outro, a Pastoral Universitária, se fiel à sua identidade específica e à sua missão evangelizadora, é chamada a desempenhar função importante na Nova Evangelização com que a Igreja deve enfrentar os desafios da sociedade moderna.

Os jovens não só são evangelizados, mas também são eles mesmos evangelizadores que levam o Evangelho aos seus coetâneos, inclusive às pessoas que se afastaram da Igreja e àquelas que ainda não escutaram a Boa Nova. Já sei que desde há tempo se vem intensificando a ação nas Comunidades que, com generosidade e sacrifício, levam a Palavra de Deus e fomentam a vida sacramental, e de igual modo a ajuda caritativa e a promoção humana, às populações mais necessitadas de assistência pastoral. Desejo encorajar, pois, todos os que realizam este meritório trabalho de Igreja, a continuarem a intensificar esses gestos de comunhão, até mesmo entre as diversas dioceses. Aqui se insere, sem dúvida, o dinamismo da juventude. Muitos jovens têm um enorme potencial de generosidade, de dedicação e de empenho, e sentem-se atraídos por formas de trabalho voluntário, especialmente quando se trata de servir os necessitados.

Junto, porém, a essa importante face da solidariedade cristã, meu pensamento vai com imensa gratidão aos jovens – e já são muitos, graças a Deus! – que se sentem chamados a ser protagonistas da missão. A consciência do dever apostólico, que arranca suas origens das mesmas fontes batismais (cf. *Carta Apostólica aos Jovens do Mundo, Dilecti Amici*, n. 9, 31 de março de 1985), levou-me à convicção de lhes dizer: “Sobretudo vós, jovens, sois chamados a tornar-vos missionários da Nova Evangelização, testemunhando quotidianamente a Palavra que salva” (*Mensagem para a IX e X Jornada Mundial da Juventude 2*, 21 de novembro de 1993). As manifestações habituais do que chamaríamos de “ministério da juventude” – que têm como ponto focal a paróquia – devem prosseguir, a fim de que os leigos não se sintam isolados da comunidade mais vasta. Todavia, como as vossas próprias experiências no-lo confirmam, é com frequência útil estimular esta obra mediante associações, movimentos, centros especiais e grupos

que correspondam às suas exigências particulares (cf. *Redemptoris Missio*, 37).

7. Para concluir, diletos Irmãos, peço-vos que vivais com grande desvelo a formação dos jovens. Seja dada, com particular esmero, a Catequese em todos os níveis etários, sobretudo aos adolescentes, de modo que estes se sintam realmente “enlevados como Jesus aos doze anos no Templo” (cf. *Carta do Papa João Paulo II às Crianças no Ano da Família*, 13 de dezembro de 1994).

O jovem é essencialmente um ser em formação, e vós sois os seus grandes formadores. Ensinai-lhes que o futuro se realiza na medida em que forem fiéis a uma vocação divina a fim de assumirem plenamente “aquilo em que cada um e cada uma se deve tornar: para si – para os homens – para Deus” (cf. *Carta Apostólica aos Jovens do Mundo, Dilecti Amici*, n. 9, 31 de março de 1985); ensinai-lhes que essa vocação se vislumbra na oração, se fortalece na Eucaristia; ensinai-lhes, também, o verdadeiro significado do sexo e do amor, da alegria e da dor, da vida e da morte; levai-lhes a mensagem de solidariedade e de justiça para que possam ser fiéis continuadores da obra de Deus na terra; ensinai-lhes, o uso correto da própria liberdade, sobretudo, que a maior liberdade é o pleno dom de si. E do mesmo modo, que não tenham medo de evangelizar nas praças e nas ruas como os primeiros apóstolos, de tornar Cristo conhecido nas modernas metrópoles. Este não é o momento de se envergonharem de testemunhar o Evangelho (cf. *Rm* 1, 16) “por cima dos tetos” (*Mt* 10, 27).

8. Através de vós, Pastores e Irmãos no Episcopado, confio a Maria, Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, Mãe do Amor Formoso, a juventude brasileira; a Ela, que leva em si um sinal indelével de juventude e beleza que não passa jamais. Desejo e peço-vos que aproximeis os jovens dessa Mãe Amorosa, que lhe confieis a vida que se abre diante de si, num futuro esplendoroso, e que A amem com todo o ardor de seu coração jovem (cf. *Audiência Geral* 4, 2 de Maio de 1979). O Papa espera do Brasil uma nova primavera de vocações sacerdotais e religiosas, através do modelo d’Aquele que é a imagem viva da entrega completa a Deus!

Ao terminar este encontro, desejo reiterar-vos a minha estima fraterna e pedir-vos que, ao regressardes às vossas dioceses, leveis a saudação e o afeto do Papa a todos os vossos diocesanos, às famílias cristãs, aos sacerdotes, aos religiosos e às religiosas, que com dedicação e generosa entrega anunciam a Boa Nova da salvação e dão testemunho de serviço, fidelidade e espírito apostólico. Invoco sobre vós e sobre vossos fiéis a proteção do Altíssimo e vos concedo a minha Bênção.

